

PEIRCE & JAMES E “A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA”

Luís Manuel Malta de Alves Louceiro

Mestre e Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Brasil

louceiro@uol.com.br

Ementa: Esta comunicação tem por objetivo apresentar nossa reflexão sobre o fenômeno denominado “experiência religiosa” pela qual os dois pragmatistas norte-americanos, Charles Sanders Peirce (1839-1914) e William James (1890-1909), descrevem ter passado, utilizando o instrumental teórico de ambos para tentar compreendê-la melhor. Joseph Brent, o biógrafo de Peirce, diz que “Peirce teve uma experiência mística aos cinquenta e dois anos [1891], quando, a meio a uma profunda crise pessoal, ele adentrou uma igreja [St. Thomas, em Nova Iorque] e viu-se arrebatado”. (*C. S. Peirce: A Life*, 1998, p. 18) Descrevendo o episódio, em carta ao reverendo John W. Brown, em 24 de abril de 1892, portanto, um ano depois, Peirce diz: “Mas quando o instante [da comunhão] veio, vi-me levado até o balaustre do altar, quase que sem minha própria volição. Eu estava perfeitamente certo de que era o correto. De qualquer maneira, eu não pude evitá-lo”. [...] “[Isso] parecia prometer-me que eu deveria carregar uma cruz do calvário pelo amor do Mestre, e ele haveria de me dar forças para carregá-la. Eu tenho a certeza de que isso acontecerá. O que me cabe é esperar. Eu jamais fui místico; mas agora sou”. (Brent, 1998, 210) “Seis anos depois” [1897], diz Brent, “ele [Peirce] comentou sobre a profunda importância da experiência para ele:” (*Ibid.*, *ibidem*) “De modo análogo, se uma pessoa passa por uma experiência religiosa e ouve a voz de seu Salvador, [pedindo-lhe] que ele faça uma pausa até que tenha ajustado uma dificuldade filosófica [...] a única conduta que vale a pena é esperar calmamente até que tal experiência venha. Nenhuma quantidade de especulação pode tomar o lugar da experiência”. (*Ibid. ibidem*; *CP 1.655*) Por sua vez, Robert D. Richardson, o biógrafo de James, diz que no dia 07 de julho de 1898, depois de ter subido o monte Marcy [no estado de Nova Iorque, hoje no Adirondack State Park] – em busca da “sanidade primeva e da saúde da alma” (*Correspondence*, Carta a Henry James, 3:64) –, “[N]aquela noite no acampamento”, que ele denominou de *Walpurgisnacht*, “James teve uma experiência extraordinária”. “‘Um tanto inesperadamente para mim’, ele escreveu para Alice [sua irmã], ‘a noite acabou por se tornar uma das mais memoráveis entre todas as minhas experiências memoráveis’” (*William James – In the Maelstrom of American Modernism*, p. 374) [...] “e agora compreendo o que um poeta é”. (William James. Volume I. *Writings 1878-1899*. The Library of America, 1992, p. 1158) A partir dos conceitos metafísicos concebidos e desenvolvidos por Peirce após sua experiência religiosa – tais como o “tiquismo”, o “sinequismo”, o “idealismo-objetivo” e o “agapismo”, entre outros –, buscaremos os subsídios necessários para tentar compreender essa vivência. Analogamente, a partir das conclusões a que James chegou após a sua experiência religiosa – exemplarmente em *The Varieties of Religious Experience – A Study in Human Nature* (NY: The Modern Library, 1902) –, com suas quatro “marcas”, buscaremos compreendê-la melhor e chegar ao melhor “método” para a podermos vivenciar nós mesmos, também.

Palavras-chave: Pragmatismo. C. S. Peirce. William James. Experiência religiosa.

PEIRCE & JAMES AND “THE RELIGIOUS EXPERIENCE”

Luís Manuel Malta de Alves Louceiro

Master and Ph.D. candidate in Philosophy at the Pontifical Catholic University of São Paulo – Brazil

louceiro@uol.com.br

Abstract: This communication aims to present our investigation concerning the so called “religious experience” phenomenon the two American pragmatists, Charles Sanders Peirce (1839-1914) and William James (1892-1910), describe as having been through, by using their own theoretical tools so as to try to understand it better. Joseph Brent, Peirce’s biographer, says that “Peirce had a mystical experience at age fifty-two [1891], when, in the midst of deep personal crisis, he entered a church [St. Thomas, in New York] and found himself transported.” (C. S. Peirce: *A Life*, 1998, p. 18) Describing the episode, in a letter to reverend John W. Brown, on April 24, 1892, therefore, one year later, Peirce says: “But, when the instant [of the communion] came, I found myself carried up to the altar rail, almost without my own volition. I am perfectly sure that it was right. Anyway, I could not help it.” [...] “[I]t seemed to promise me that I should bear a cross like death for the Master’s sake, and he would give me strength to bear it. I am sure it will happen. My part is to wait. I have never before been mystical; but now I am.” (Brent, 1998, 210) “Six years later” [1897], says Brent, “he [Peirce] commented on the profound importance of the experience for him.” (Ibid., *ibidem*) “In the same way, if a man undergoes a religious experience and hears the voice of his Saviour, for him to halt until he has adjusted a philosophical difficulty [...] the only worthy course is to wait quietly till such experience comes. No amount of speculation can take the place of experience.” (Ibid. *ibidem*; CP 1.655) On the other hand, Robert D. Richardson, James’s biographer, says that on July 7, 1898, after having climbed mount Marcy [in the state of New York, now in Adirondack State Park] – in search of “primeval sanity and health of soul” (Correspondence, Letter to Henry James, 3:64) -, “[T]hat night in the camp,” which he branded *Walpurgisnacht*, “James had an extraordinary experience.” “Quite unexpectedly to me,” he wrote to Alice [his sister], ‘the night turned out to be one of the most memorable of all my memorable experiences’ (William James – *In the Maelstrom of American Modernism*, p. 374) [...] “and now I understand what a poet is.” (William James. Volume I. *Writings 1878-1899*. The Library of America, 1992, p. 1158) In the metaphysical concepts conceived and developed by Peirce after his religious experience – such as “tychism”, “synechism”, “objective-idealism” and “agapism”, among others -, we will find the necessary resources to try to understand this experience. Analogously, after the conclusions James came to after his religious experience – exemplary in *The Varieties of Religious Experience – A Study in Human Nature* (NY: The Modern Library, 1902) –, with its four “marks, we will seek to understand it better and to come to the best “method” to experience it ourselves, too.

Key-words: Pragmatism. C. S. Peirce. William James. Religious experience.